

IMAGOTIPOS LITERÁRIOS:

PROCESSOS DE (DES)CONFIGURAÇÃO
NA IMAGOLOGIA LITERÁRIA

Coordenadora

MARIA JOÃO SIMÕES

Centro de Literatura Portuguesa

CRUZAMENTOS TEÓRICOS DA IMAGOLOGIA LITERÁRIA: IMAGOTIPOS E IMAGINÁRIO

Maria João Simões

CLP – Universidade de Coimbra

1. OBJECTO E OBJECTIVOS DO PROJECTO “IMAGOTIPOS LITERÁRIOS”

Num momento em que se discutem diferentes modos de ler, avaliar e lidar com o “outro” e com o “diferente”, a Imagologia surge como um campo privilegiado de pesquisa e de estudo das relações entre os seres. Questiona-se hoje o reducionismo da ideia de integração, fala-se do respeito pelo “outro”, pensa-se a “hospitalidade” numa sociedade onde os confrontos culturais existem exigindo uma reflexão sobre eles. Neste contexto, compreende-se a expansão dos Estudos Culturais que, longe de abafarem os Estudos Literários, lhes deram um novo impulso, fazendo emergir a importância dos Estudos Comparados e sobretudo da Literatura como lugar de “inquietação” e de insubordinação. A Imagologia pode trazer então, não o “olhar que faltava”, mas mais uma via de aproximação ao desconhecido figurado literariamente, como um dos modos de “partilha do sensível”¹.

1 Parte-se aqui da noção de Jacques Rancière que nos diz “J'appelle partage du sensible ce système d'évidences sensibles qui donne à voir en même temps l'existence d'un commun et les découpages qui y définissent les places et les parts respectives. Un partage du sensible fixe donc en même temps un commun partagé et des parts exclusives. Cette répartition des parts et des places se fonde sur un partage des espaces, des temps et des

A Imagologia interroga-se sobre a “imagem” do “outro”, pensa a estranheza e o estrangeiro e, por isso mesmo, levanta a questão da “imagem” enquanto construto histórico. A Imagologia entranha-se no território problemático da “representação”, contrapõe alteridades e identidades e, por isso mesmo, interpela-nos a ler nos interstícios das imagens. Ela confronta o nosso enquadramento geográfico, enraizado e territorializado, com a nossa pertença comunicativamente globalizante através do atrito do invisível e do visível plasmados na Literatura.

A linguagem literária emerge em toda a sua complexidade e riqueza, pelo que se entende o exercício hermenêutico como uma aproximação ou um diálogo ou um encontro, e não como uma substituição. Apontando como seu objecto o lugar da relação, a Imagologia Literária torna-se sensível à resistência das relações e também à resistência do “dizer” das relações. Ela pode, então, almejar ser aquilo que Silvina Rodrigues Lopes, na sua obra *Literatura, defesa do atrito*, chama “uma força desencadeadora do sentir-pensar”:

É isso o que define uma relação, o não estar determinada de fora, mas valer como tal, na sua complexidade. Admiti-lo é admitir que é a própria relação que faz vacilar a distinção entre leituras correctas e leituras erróneas e que o segredo ou vazio que suspende a apropriação ou uso desse tipo de textos (a que chamamos literatura) é uma força activa, desencadeadora do sentir-pensar (Lopes, 2003:19).

Esta resistência do texto literário bem como o seu carácter intersticial também foram apontados por Michel Foucault, a propósito das imagens de Blanchot:

formes d'activité qui détermine la manière même dont un commun se prête à participation et dont les uns et les autres ont part à ce partage.” (Rancière, 2000: 12).

O fictício nunca está nas coisas nem nos homens, mas na impossível verosimilhança daquilo que está entre eles: encontros, proximidade do mais longínquo, absoluta dissimulação no lugar onde estamos. A ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver como é invisível a invisibilidade do visível (2001: 21).

A ficção é, assim, um modo de dizer as possíveis e várias fracturas: a fractura do sujeito, as fracturas entre sujeitos e as fracturas entre sujeito e real.

Porém, a ficção não deixa de ser representação funcionando assim como um paradoxal trabalho de Sísifo. Será esta dualidade complexa que faz da literatura (e em geral da arte) um meio tão rico de emergência cultural, despertando o interesse de pensadores, psicólogos, filósofos, professores, sociólogos e políticos. Obviamente, coloca-se então a questão da passagem da estética à ética e à política, sendo em termos de operatividade que as respostas dos grandes pensadores pós-modernos claudicam, levando a que escritores como Deleuze e Negri convertam “o tema da projecção estratégica em aspecto fundamental ou central” das suas reflexões, como afirma José Luís Rodríguez García (2006: 240).

A Imagologia literária enquanto leitura do ficcional poderá ser então, para além de “uma força desencadeadora do sentir-pensar”, também “uma força desencadeadora do querer e da vontade” do sujeito, podendo ou não conduzir à acção, mas pelo menos abrindo essa potencialidade.

2. OS OBJECTIVOS E OS PROCESSOS DO PROJECTO “IMAGOTIPOS LITERÁRIOS”

Na origem deste projecto está, então, o reconhecimento da transversalidade cultural da Literatura e do seu relevo para uma cartografia cultural que, neste caso, nos advém da experiência estética de nos ler-

mos em constante diferença e mutação. Se as obras literárias, na sua radical diferença, figuram e constantemente reconfiguram a nossa identidade confrontando-a com a diversidade e a “outridade”, a Imagologia literária perscrutará as representações mentais emergentes destes embates (cf. Leerssen & Beller, 2007: 7), das suas fissuras e dos seus vazios, tornando-se uma via de inteligibilidade profícua para um possível contrapeso do cepticismo filosófico contemporâneo. Trata-se, no fundo, de abandonar o indiferentismo cepticista procurando não *a* solução, não *o* caminho, mas *uma* via como a que nos dá a ver Hannah Arendt quando propõe o que se poderá designar como o “accionar do Querer”. “Pensar” é, neste sentido, uma exigência do literário que possibilita a Vontade, a qual é entendida por Hannah Arendt (2000:14) como motor da acção – desde que se entenda importante, é claro, libertarmo-nos da paralisia e da aceitação conformada do que é ou está. Não se trata de sobrepor estética e ética – trata-se, antes de mais, de pensar como o estético liberta e, libertando, possibilita uma renovada praxis reveladora de uma ética libertária.

Daí Joep Leerssen e Manfred Beller (2007: 7) poderem afirmar a importância da Imagologia nas Humanidades não como “um novo especialismo científico”, mas sim como um “resfrescante modo de levantar “a long standing question”, que pode envolver filósofos, psicólogos, sociólogos e estudiosos da literatura”.

Volviendo agora o olhar para um plano prático, será legítimo perguntar a razão de se reunir, neste volume, textos sobre autores e obras tão diferentes. Porquê englobá-los sob este título? De onde e como surge a ideia de trabalhar no domínio da Imagologia?

Inicialmente, a ideia de trabalhar no campo da Imagologia surgiu com a intenção de abrir, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, uma disciplina nova, intitulada “Imagologia, Literatura e Identidade” que pudesse corresponder ao novo intento de valoriza-

ção conceptual dos saberes transversais, constituindo-se como uma opção, advinda das áreas da literatura e da cultura, dirigida a um conjunto de alunos de cursos variados e de especialização diferenciada: da História ao Jornalismo, dos Estudos Europeus aos Estudos Literários e Culturais. Embora, por vicissitudes várias, este projecto não se tenha concretizado, outras experiências preencheram na altura esse espaço e recobrem ainda hoje, na Faculdade de Letras e nos Centros de Investigação, domínios científicos próximos ou congéneres, mostrando assim a compaginação desta instituição com um sentido de mudança e de actualização. É, assim, dada uma nova atenção à área dos Estudos Culturais e aos problemas actuais da multiculturalidade, às questões e desafios da investigação sobre a(s) identidade(s), e estes domínios surgem em múltiplos projectos científicos e em disciplinas como “Multiculturalismo e Educação”, “Identidades, Nações e Nacionalismo na Europa”, “Literatura e Identidades” e “Linguagem e Identidade”.

Algum tempo depois desta experiência, surgiram outros desafios a nível científico, nomeadamente a necessidade de transversalmente congregar esforços e trabalhos isolados, realizados no âmbito da investigação do Centro de Literatura Portuguesa. E assim nasceu a vontade de criar um projecto de investigação que pretendeu reunir um grupo heteróclito de investigadores à volta de um conjunto de problemas abarcados pela Imagologia. Este livro é a consequência lógica desse intuito – com a certeza de que não será a única consequência. Tratou-se, na verdade, de um desafio: congregar em torno do tema da visão do “outro” e da criação da imagem do estrangeiro, ou seja, da configuração de imagotipos literários, o trabalho de investigadores que se dedicam ao estudo de literaturas de nacionalidades ou de quadrantes diferentes. Pretendeu-se partir de uma sustentação teórica comum – a da Imagologia – para poder munir o grupo de um igual ponto de partida para as suas interpretações e análises

diferenciadas. Esta escolha pressupõe a atitude investigativa de considerar que se pode e deve fazer avançar o conhecimento a partir da investigação que se realizou até aí, abordando-a sob vários prismas: as perspectivas de diferentes investigadores². Levantou-se, pois, a hipótese de fazer coincidir a pesquisa errática e dispersa de cada um dos investigadores numa base comum que se debruçasse sobre uma questão premente como é a do choque cultural, dilucidasse problemas da representação das relações entre identidade e alteridade e investigasse ainda os jogos das figurações estereotipadas emergentes nas obras literárias; a esta hipótese de congregação, em nosso entender, a Imagologia pode responder cabalmente, dado que se configura como uma renovada via do comparatismo literário.

Para dar coesão ao grupo e à sua investigação, foram estabelecidas pela coordenadora, desde o início, várias etapas de trabalho e vários tipos de encontros para intercâmbio de questões e ideias.

Num primeiro encontro, foram apresentados os objectivos do projecto, foram distribuídos textos cruciais com informações recentes sobre os objectivos e caminhos da Imagologia, iniciando assim a constituição de uma bibliografia básica³ comum a todos os investigadores. Esse primeiro conjunto de textos teóricos foi motivo para uma outra sessão de trabalho dedicada à ampla discussão dos textos teóricos seleccionados, com intervenções e levantamentos de questões pelos diversos investigadores. Outros fóruns de discussão foram

2 Esta afirmação pode ser considerada desnecessária, sobretudo se pensarmos na investigação das ditas ciências exactas; porém, no caso das ciências humanas em Portugal, a investigação em grupo ainda carece de maior afirmação.

3 A bibliografia que serviu de ponto de partida para o projecto (incluída na Bibliografia) continha textos dos seguintes autores: Cinirella (1997); Dyserinck (1997), Hall (1997); Leerssen (2006); Moura (1999), Pageaux & Machado (2001); Sousa (2004). Mais tarde foram indicados outros textos fundamentais, nomeadamente o artigo de Sanchez Romero (2005) e a obra *Imagology* de Beller and Leerssen (2007).

emergindo aproveitando a dinâmica de actividades e eventos da própria Unidade de I&D (como por exemplo, a vinda de palestrantes ou convidados). Na impossibilidade de os investigadores participarem nesses encontros globais de trabalho, estes foram substituídos por encontros de trabalho parcelares, com um número mais reduzido de investigadores e por sessões individualizadas. Num momento posterior, procedeu-se ao envio dos resumos das propostas dos diversos trabalhos a que se seguiu a discussão dos mesmos e sugestões sobre cada um dos trabalhos, em particular. Como estava previsto e foi acordado desde o início, para além destes momentos de trabalho em grupo, uma considerável parte das discussões decorreu com o recurso aos actuais meios de comunicação à distância que permitem uma forma ágil, atempada e generalizada de manter o diálogo. As discussões prosseguiram então, emergindo dos problemas específicos levantados pelas obras e autores abordados por cada um dos investigadores.

Embora esta prosaica descrição possa parecer despicienda, ao afirmar um “cela va de soi” processual para este tipo de investigação em grupo, é por demais conhecida a dificuldade de que este processo se concretize com a frequência desejada no domínio dos Estudos Literários, tradicionalmente muito ciosos da individualidade na investigação. Por isso aqui se quer dizer, claramente, como se tentou trabalhar noutros moldes e como, por isso mesmo, se foram sentindo as dificuldades práticas destes procedimentos, entravados por outras obrigações e actividades que a impositividade quantificadora do modo contemporâneo de encarar a investigação necessariamente acarreta. Num balanço crítico, o modo de trabalhar que este volume espelha parece ser um passo em frente no desenvolvimento do trabalho em equipa, e, conquanto as diversas dificuldades surgidas tenham dilatado em demasia o tempo de duração do projecto (que se prolongou por três anos) atrasando a publicação dos trabalhos, teve a

vantagem de fazer amadurecer as ideias das diferentes propostas de leitura que aqui se reúnem. Caberá, como sempre, aos possíveis leitores interessados nos artigos deste volume a apreciação do interesse das perspectivas levantadas e do esforço despendido pelos investigadores participantes.

É imprescindível ainda dizer que, paralelamente, foram organizadas conferências especialmente pensadas para um melhor desenvolvimento dos trabalhos do grupo (mas abertas a toda a comunidade universitária) que foram asseguradas por dois professores convidados: a estudiosa Mary Louise Pratt, Silver Professor do Department of Spanish and Portuguese da New York University, que proferiu a conferência “Os Imaginários Planetários” e o Professor Joaquim Pires Valentim da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra que falou sobre “Identidade e Lusofonia nas Representações Sociais”. Por este motivo, este volume deveria contar com a distinta colaboração destes dois professores convidados, mas, por impedimentos de política financeira editorial, alheios à autora, não foi possível incluir o texto da estudiosa estrangeira; contudo, o volume apresenta uma contribuição original do psicólogo português que certamente dará maior projecção a este nosso conjunto de textos de crítica literária. Conta, para além desta, com a colaboração do Professor João Luís Pereira Ourique, docente na Universidade Federal de Pelotas e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que desde o início assegurou o seu apoio a este projecto com a sua investigação, a partir do Brasil.

Este projecto contou ainda com a ligação a um projecto congénere, desenvolvido na Universidade de Extremadura, em Cáceres. Trata-se do projecto *imag.Iberia – Imágenes de la identidad e la alteridad en las relaciones luso-españolas*, projecto de investigação coordenado por Maria Jesús Fernández García, e, uma vez encetados o diálogo e a cooperação com os investigadores deste projecto de investigação, pretende-se a sua continuação e incremento no futuro.

3. IMAGOLOGIA: SUCESSOS E VICISSITUDES DE UM DOMÍNIO DA LITERATURA COMPARADA

Sempre em *crescendo* se apresenta nos últimos anos o interesse pela Imagologia e pelo estudo das imagens enquanto representações de nós mesmos e dos “outros” – o “outro” sentido como diferente. Tal não é de admirar se se pensar que ideias tão importantes hoje como a da globalização e a da multiculturalidade colocam na ordem do dia questões que têm a ver com os nacionalismos e os choques culturais e, necessariamente, com as suas representações socioculturais. Procura-se, por um lado, a legitimação de alguns destes conceitos e ideias, desejando-se uma certa base de sustentação racional e até mesmo ideológica; por outro lado, visa-se um melhor entendimento dos fenómenos socioculturais. Estas duas vertentes, como facilmente se pode depreender, nem sempre são convergentes: confunde-se a primeira, por vezes, com uma vontade de legimitar os poderes vigentes, enquanto a segunda se orienta, muitas vezes, precisamente pelo objectivo contrário: o de desenraizar e subverter representações nacionalistas eivadas de preconceitos.

Não será de estranhar, então, que a Imagologia enfrente hoje desafios algo distintos daqueles que levaram autores como Hugo Dyserinck⁴, na década de 60, a defender a Imagologia da crítica pronunciada por René Wellek, em 1958. Na verdade esta crítica era dirigida a uma orientação imagológica de tipo positivista que grassou durante várias décadas do séc. XX (mas cuja origem remonta aos finais do séc. XIX), cujos trabalhos tinham marcas evidentes de sectarismo ideológico (Moll, 2002: 352). Hoje, um dos objectivos da investiga-

4 Dyserinck esclarece que a sua participação na controvérsia lançada por R. Wellek se iniciou em 1966 com o texto “Zum Problem der ‘images’ und ‘mirages’ und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft” (“Sobre o problema das ‘imagens’ e ‘miragens’ e sua pesquisa no âmbito da Literatura Comparada”).

ção imagológica é precisamente a desmontagem dos preconceitos na formação das representações literárias.

Não é nossa pretensão traçar aqui uma história ou uma arqueologia da Imagologia, tanto mais que isso já foi realizado pelo próprio Hugo Dyserinck, pelo seu discípulo Joep Leerssen e por estudiosos como Nora Moll, entre outros. É imprescindível, porém, realçar alguns elementos que nos ajudem a compreender a importância da Imagologia hoje. Importa salientar duas linhas de orientação iniciais distintas: a escola francesa de J.-M. Carré e de M.-F. Guyard, e a escola conhecida como “escola de Aquísgran” (ou escola de Aachen), onde se salienta Hugo Dyserinck, comparatista belga que ensinou muitos anos em Aachen e que orientou inicialmente a investigação de Joep Leerssen, na Holanda, no âmbito do desenvolvimento dos “Estudos Europeus” (como o próprio Hugo Dyserinck já esclareceu⁵ pormenorizadamente). Trata-se de uma linha de investigação que deixa provada a sua fecunda influência nos estudos imagológicos actuais, que, constantemente, como tal a reivindicam⁶.

Em França, por sua vez, o “estudo de imagens” evoluiu como área da literatura comparada, tendo como figura de relevo Daniel-Henri Pageaux, um hispanista, cujos trabalhos passam a ser conhecidos em Portugal a partir de 1971, com a realização da obra *Images du Portugal dans les lettres françaises*⁷. Embora na década de 80 nos títulos dos seus textos ainda prevaleça o termo “imagerie” (cf. Pageaux, 1981

5 Recordando alguns momentos essenciais da chamada “psicologia dos povos” como linha antecessora da Imagologia – nomeadamente os trabalhos dos judeus alemães Moritz Lazarus e Heymann Steithal, fundadores na Alemanha da *Revista da Psicologia dos Povos*, em 1860 –, Hugo Dyserinck distingue este filão daquele outro de abordagem de tipo positivista e determinista.

6 A palavra *imago* expande-se na década de 30, surgindo inicialmente ligada às teorias psicanalíticas do princípio do século; na década de 60, estende-se à psicologia colectiva dos povos, (cf. Oliver Brachfeld: «Notes sur l’imagologie ethnique», 1962).

7 Cf Pageaux, 1971. Daniel-Henri Pageaux leccionará na Sorbonne a partir de 1975.

e 1983), já em 1981, na obra *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, que publica juntamente com Álvaro Manuel Machado⁸, se pode ler a seguinte afirmação: “O estudo das imagens do estrangeiro num texto, numa literatura, até numa cultura – a imagética literária (ou, como se diz em francês, *imagologie*) é uma das orientações mais antigas da Literatura Comparada” (Pageaux e Machado, 1981: 41).

Contudo, se estes autores ainda utilizam aqui o termo em francês, já Eduardo Lourenço, em 1978, ao publicar *O Labirinto da Saudade*, explica no prefácio aos seus famosos ensaios que o “assunto próprio do livro é pois menos o da “preocupação por Portugal” (...) que o de uma *imagologia*, quer dizer, um discurso crítico sobre as imagens que de nós mesmos temos forjado” (2009: 18).

Embora tal não tenha acontecido no Reino Unido, onde a expressão dominante foi durante muito tempo os “Image Studies”, a designação *Imagologia* teve, a partir da década de 70, uma grande difusão na Alemanha, na Bélgica e em França, chegando nesta altura também a Portugal (ainda que nem sempre tenha sido ouvida com a atenção que devia merecer). Nas frases citadas de Álvaro M. Machado & D.-H. Pageaux, e de Eduardo Lourenço já se pode ver porém diferença de abordagens: uma mais literário-cultural e outra mais filosófica. Sendo impossível expor aqui o rol completo dos muitos investigadores que em Portugal de alguma forma têm abordado a problemática da auto-imagem e da hetero-imagem, é possível descortinar a continuação destas duas linhas. Embora estas diferenças se tenham vindo a esbater (com a presença amplificada dos Estudos Culturais), pelo menos alguns matizes destas diferenças ainda se encontram visíveis respectivamente nas abordagens de Ana Paula

8 Álvaro M. Machado (que também leccionou na Sorbonne) criou, em 1976, a cadeira de Literatura Geral e Comparada, em Lisboa.

Coutinho Mendes, da Universidade do Porto, investigadora na área das Literaturas Francófonas e de Maria Manuela Baptista da Universidade de Aveiro, que tem já uma vasta obra sobre a presença do “outro” e que, nas várias obras por si organizadas, dedica especial relevo ao estudo da obra e da personalidade de Eduardo Lourenço e dos temas tratados pelo grande pensador português⁹.

É de notar que no Brasil, já em 2004, se publicava a obra *Do Cá e do Lá. Introdução à Imagologia*, da autoria de Celeste Ribeiro de Sousa, divulgadora no Brasil dos estudos pioneiros de Hugo Dyserinck, mas conhecedora também das linhas imagológicas alemã e francesa.

Com o desenvolvimento do inglês nos domínios científicos, com a renovada importância da Literatura Comparada e com a crescente mobilidade dos investigadores, o termo *Imagology* tem sido cada vez mais difundido.

Um passo muito importante para o estabelecimento do campo, dos *corpora* e da metodologia essenciais à Imagologia foi dado recentemente com a publicação da obra intitulada *Imagology: The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*, que é dada a lume enquanto décimo terceiro volume da série *Studia Imagologica*. Esta série constituirá assim uma espécie de suporte histórico-científico, terreno seguro para o passo inovador que o 13º número representa. Sendo editada em Amsterdam, *Studia*

9 Veja-se o prefácio da organizadora à obra *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço. Dos críticos*. Maria Manuel Baptista tem já um largo conjunto de textos dedicados ao estudo da obra de Eduardo Lourenço (como, por exemplo, o texto “A Utopia Europa em Eduardo Lourenço”, de 2001) e uma vasta produção na questionação das relações entre estereótipo e representação social (nomeadamente a organização da obra *Identidade – Ficções*, de 2006 e o estudo “Estereotipia e representação social – uma abordagem psico-sociológica”. Também Otilia Pires Martins tem estudado as representações nacionais, como, por exemplo, no texto “Espelhos quebrados – representação do colonizado em O *Esplendor de Portugal* de António Lobo Antunes”, de 2004.

Imagologica é uma publicação serial que remonta a 1992, inicialmente com estudos monográficos, mas que se reconfigurou como publicação colectiva a partir de 1995, dirigida no início por Hugo Dyserinck, depois editor sénior, e pelo investigador Joep Leerssen. A esta publicação serial cabe uma grande parte do renovado interesse pela Imagologia na actualidade.

Por seu turno, este décimo terceiro número surge na sequência de uma ideia fundamental: a de criar um compêndio enciclopédico dos estudos de imagem ou estudos imagológicos, lançada em 2001 por Manfred Beller (comparatista alemão ensinando em Itália). Este projecto ganhou novos apoios institucionais e financeiros com a união dos dois reconhecidos investigadores: Manfred Beller e Joep Leerssen¹⁰. Na verdade, estes estudiosos têm dado um novo fulgor e criado uma nova dinâmica à abordagem imagológica, tornando-a uma área de ponta na investigação científica com uma divulgação social alargada¹¹.

Nada de espantar, pois, que no Colóquio da Société Belge de Littérature Générale et Comparée (SBLGC), realizado em Louvain-la-Neuve em Novembro 2008, os organizadores escolham Joep Leerssen para proferir a conferência de abertura dos trabalhos – escolha que faz jus ao desafio que este colóquio pretendia lançar quer a partir dos temas quer, desde logo, a partir do próprio título: *Nouvelles Voies du Comparatisme / New Paths For Comparative Literature*.

10 Este projecto foi, desde cedo, divulgado na internet apelando a colaborações especializadas. Financiado pela Universidade de Bergamo, pelo “Dutch national funding organization NWO”, foi um projecto apoiado pelas Universidades de Bergamo e de Amsterdam e pelo Huizinga Institut. Cf Beller and Leerssen, 2007: XVI (cf. tb. <http://cf.hum.uva.nl/images>).

11 Entre muitos outros exemplos de participações em colóquios e eventos, Manfred Beller vai ser um dos especialistas convidados para o encontro «Dialogue interculturel, dialogue inter-religieux: le rôle des stéréotypes et des préjugés», realizado em Strasbourg em 2003 e integrado no Projet Dialogue interculturel et prévention des conflits (cf [http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/completed/dialogue/DGIV_CULT_PREV_ICIR\(2003\)1F.PDF](http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/completed/dialogue/DGIV_CULT_PREV_ICIR(2003)1F.PDF)

Se alguma dúvida houvesse ainda sobre o facto de a Imagologia ser, actualmente, um promissor caminho da Literatura Comparada, ela seria dissipada pela publicação desta espécie de “Handbook” da *Imagologia* que é a obra organizada por M. Beller e J. Leerssen. Reunindo a colaboração de mais de 70 especialistas, nela se faz o ponto da situação (“o estado da arte”) sobre as questões adstritas a este domínio científico. A obra pretende responder às perguntas colocadas no texto de divulgação da obra, reproduzido na contracapa: “How do national stereotypes emerge? To which extend are they determined by historical or ideological circumstances, or else by cultural, literary or discursive conventions?” (Beller & Leerssen, 2007).

Para estas perguntas norteadoras pretendem os organizadores desta obra encontrar algumas respostas, apresentando não só artigos sobre representações caracteriológicas de nações, como também conceitos fundamentais na abordagem imagológica e ainda a apresentação prévia de artigos teóricos de fundo sobre a Imagologia.

Nas palavras de abertura os organizadores afirmam:

This book is meant both to demonstrate and to facilitate the critical analysis of national stereotypes in literature (and in others forms of cultural representation), known in many languages as *imagology*. The term is a technical neologism and applies to research on the field of our mental images of the Other and of ourselves (*idem*, xiii).

O subtítulo desta obra *The cultural construction and literary representation of national characters* aponta claramente três aspectos da Imagologia: as representações culturais, as representações literárias e a questão da identidade subsidiária da representação caracteriológica nacional em confronto permanente com a visão do “outro” e a alteridade que ele instaura. Ora facilmente se pode ver que estes aspectos são alvo de estudo de outras disciplinas – o que a Imagologia não pode ignorar.

4. A IMAGOLOGIA NA ENCRUZILHADA DE MÚLTIPLAS DISCIPLINAS

Um dos dilemas que hoje enfrenta a Imagologia é o de impedir a diluição da especificidade do seu campo de estudo e, simultaneamente, não se fechar à premente, necessária e benéfica influência de outras disciplinas.

Vários estudiosos têm chamado a atenção para este problema, sendo necessário respigar os aspectos e os contributos principais que a Imagologia poderá colher das disciplinas vizinhas.

A) POSTULAÇÕES FILOSÓFICAS: COMPLEXIDADE DA RELAÇÃO ENTRE O “EU” E O “OUTRO”

Questionar a relação do “eu” com o “outro” é levantar um conjunto de questões muito complexas às quais muitos filósofos têm dedicado a sua atenção, ao longo de toda a História da Filosofia; porém, esta questão ganha uma muito maior acuidade no pensamento de filósofos do século XX que puseram em causa a unidade do sujeito, o que constitui um tema fulcral no debate do pós-modernismo. Como questão fulcral, a relação do “eu” com o “outro” é visível no conceito de “hospitalidade” de Derrida¹², sendo também importante no pensamento de Deleuze e mesmo de Rorty e de outros filósofos de relevo no debate de ideias deste início do séc XXI.

Não cabe (nem caberia) fazer aqui sequer um levantamento destas questões, mas será útil atentarmos em algumas observações de filósofos que marcam o pensamento contemporâneo.

Um dos filósofos que dedicou muita atenção às questões da alteridade e da identidade foi certamente Emmanuel Levinas, não só nas

¹² Na obra *Adeus a Levinas*, Derrida liga esta concepção do “outro” ao conceito levinasiano do “acolhimento” face ao qual ele traçará semelhanças e diferenças relativamente ao que ele entende ser a “hospitalidade” (Derrida, 2004: 40).

suas principais obras¹³, como nas suas últimas obras – *Entre Nous*, de 1991 e *Altérité et transcendance*, de 1995.

É importante partir do esclarecimento da noção do “outro” realizado por Levinas:

O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo.

O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A colectividade em que eu digo “tu” ou “nós” não é um plural de “eu”. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum (Levinas, 1988: 26.)

O filósofo postula, assim, a irredutibilidade do “outro”, o que tem consequências ao nível da sociabilidade¹⁴, uma vez que o “eu” só existe nesta interpelação do “outro” em si próprio ou dentro de si próprio e no confronto do “eu” com o “outro”. Como J. Derrida propõe, “deveríamos estender ilimitadamente as consequências¹⁵

13 Muitos dos seus títulos evidenciam essa irredutível distância entre o “eu” e o “outro” que lhe é exterior: *Le Temps et l'Autre* (1948), *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité* (1961), *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (1974).

14 E. Levinas explicita essa consequência ao nível social, quando afirma: [d]ans cette relation à l'autre, il n'y a pas de fusion, la relation à l'autre est envisagée comme altérité. L'autre est l'altérité. (...) Dans l'altérité du visage, le pour-l'autre commande le moi. (...) La sociabilité est cette altérité du visage, du pour-l'autre, qui m'interpelle, voix qui monte en moi avant toute expression verbale, dans la mortalité du moi, du fond de ma faiblesse. (Levinas, 1995: 113).

15 J. Derrida chama a atenção para esta passagem de *Totalité et Infini*, considerando que esta obra nos “lega um imenso tratado sobre a hospitalidade” (Derrida, 2004: 39 e 41). Uma forma de tornar consequente esta ideia é aquela que Derrida explicita em *De l'hospitalité*, ao

daquilo que Levinas afirma n[a] passagem em que ele repete e interpreta a ideia do infinito no *cogito* cartesiano: “Não sou eu – é o outro que pode dizer *sim*”.

Convém não esquecer que esta presença irreduzível do “outro” já tinha sido apontada por Mikhaïl Bakhtine como sendo uma marca inerente ao discurso e ao diálogo. Para Bakhtine, a compreensão do jogo do “outro” na psicanálise e a noção de ‘inconsciente colectivo’ tem como antecedente a sua marca na memória das línguas e dos ritos. Segundo Bakhtine, “no íntimo do Homem não está o “isto”, mas o “outro”. Eis a razão pela qual duas das suas palavras-conceitos fundamentais são ‘reciprocidade’ e ‘dialogismo’¹⁶. Já nas suas obras *O Freudismo*, de 1927 e *O marxismo e a filosofia da linguagem*, de 1929, propõe a noção de ‘ideologema’, de acordo com a qual todo o discurso é ideológico e socialmente inserido, isto é, dependente do seu interrelacionamento com o discurso dos outros, pois “os signos não emergem senão sobre um terreno interindividual” (Bakhtine, 1997: 29). Neste sentido, o psiquismo “é o social infiltrado no organismo do indivíduo” (*idem*, 65).

Também para Levinas (1995: 113), a voz do “outro” está presente no “eu” antes de qualquer expressão: é “um Outro em mim”, o que implica uma constante relação dual.

Assinale-se que a metáfora desta “outridade” – o “rosto” – brota quase espontaneamente, sendo reconhecida por Levinas como figuração não apenas plástica, mas profundamente expressiva:

afirmar que “compreender e envolver o estrangeiro, é acolher, com uma hospitalidade sem reservas, o que nele há que o faz outro. Tomá-lo com o que ele é. Neste sentido, compreender o outro, acolhê-lo, não é seguramente integrá-lo ou desintegrá-lo.”

16 Se o conceito de dialogismo é aplicado na obra *La poétique de Dostoievski*, em 1961, ele já fora desenvolvido nos textos bahktinianos sobre o discurso romanescos, nas décadas de 30 e 40.

O modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a ideia do *Outro em mim*, chamamo-lo, de facto, rosto. Esta *maneira* não consiste em figurar como tema sob o meu olhar, em expor-se como um conjunto de qualidades que formam uma imagem. O rosto de Outrem destrói em cada instante e ultrapassa a imagem plástica que ele me deixa, a ideia à minha medida e à medida do seu *ideatum* – a ideia adequada. Não se manifesta por essas qualidades, mas (...) [e]xprime-se” (Levinas, 1980: 38).

Para além de afectar a sociabilidade, uma atitude como a que defende Levinas acarreta uma ética em que o “outro” ocupa um lugar fundamental. Apesar de considerar o Mal como algo enraizado no homem, Levinas pugna por uma cultura que assuma a responsabilidade por “outrem”, para a qual é fundamental a implementação do diálogo.

Outro filósofo que pensa o “eu” e a presença nele do(s) “outro(s)” é Gilles Deleuze, que nos revela o carácter desértico do “eu” enquanto reduto último:

En chacun de nous, il y a comme une ascèse, une partie dirigée contre nous-mêmes. Nous sommes des déserts, mais peuplés de tribus, de faunes et de flores. (...) Et toutes ces peuplades, toutes ces foules, n’empêchent pas le désert, qui est notre ascèse même, au contraire elles l’habitent, elles passent par lui, sur lui. (...) Le désert, l’expérimentation sur soi-même, est notre seule identité, notre chance unique pour toutes les combinaisons qui nous habitent (Deleuze, 1977: 18).

Sublinhe-se que as reflexões de G. Deleuze relativas à relação do “eu” com o “outro” e os “outros” estão ligadas ao seu entendimento do desejo como mola impulsionadora fundamental, quer das relações do (e com o) poder quer do interrelacionamento social.

Em todos estes filósofos se pode constatar a preocupação de ultrapassar a passividade e de se questionar o agir. Porém, em Deleuze, o relacionamento do sujeito com o real é desdobrado e redobrado em representações coalescentes que absorvem e jogam com o imaginário humano:

C'est pourquoi l'imaginaire et le réel doivent être plutôt comme deux parties juxtaposables ou superposables d'une même trajectoire, deux faces qui ne cessent de s'échanger, miroir mobile. (...) À la limite, l'imaginaire est une image virtuelle qui s'accolle à l'objet réel, et inversement, pour constituer un cristal d'inconscient. Il ne suffit pas que l'objet réel, le paysage réel évoque des images semblables ou voisines; il faut qu'il dégage *sa propre* image virtuelle, en même temps que celle-ci, comme paysage imaginaire, s'engage dans le réel suivant un circuit où chacun des deux termes poursuit l'autre, s'échange avec l'autre. La "vision" est faite de ce doublement ou dédoublement, cette coalescence. C'est dans les cristaux d'inconscient que se voient les trajectoires de la libido (Deleuze, 1993: 83).

Da coalescência, enquanto lugar de encontro, diz Deleuze que deve/pode brotar o desejo. Ora, acentuar o desejo como mola do interrelacionamento social, como cerne da relação com o "outro" permite fazer emergir o tema do amor como tema fulcral. Ora, talvez mais que nenhum outro discurso, o literário tem esmiuçado as dobras e contravoltas do discurso amoroso, das suas projecções imaginárias e das suas imagens, ou da sua imagética, mostrando a complexidade da relação do sujeito consigo próprio – lembre-se *O Estrangeiro* de Camus, recorde-se Proust, Joyce, e tantos outros – e a complexidade da relação do sujeito com o "outro", "estranho" e "estrangeiro", que muitos romances contemporâneos trabalham. Não é, pois, por acaso que os filósofos frequentemente utilizam os exemplos literá-

rios, sendo o literário, por seu turno, o processamento figurativo da pulsão relacional.

B) A QUESTIONAÇÃO DA IDENTIDADE E OS ESTUDOS CULTURAIS – IMAGOLOGIA E IDENTIDADE

O conceito de identidade necessariamente evoluiu muito ao longo da história. Muitos autores já apontaram a necessidade de entender a identidade na sua movência, indo assim ao encontro da já célebre afirmação de Amin Maalouf: “A identidade não é dada de uma vez por todas, constrói-se e transforma-se ao longo da existência”. A sua crítica a uma noção de identidade padronizada, rígida e arreigada às marcas do passado espelha-se bem no título da sua obra agora tão frequentemente citada *Les Identités Meurtrières*, de 1998. Nesta obra, A. Maalouf parte à procura de soluções – soluções que uns considerarão utópicas e outros não. Mas, mais do que avaliar se a sua intenção é prescritiva ou moralizante, interessa reter o seu entendimento da identidade constituindo-se sempre “em devir”, como é notório em afirmações como a seguinte: “cada um deveria poder incluir, no que ele crê ser a sua identidade, uma componente nova (...): o sentimento de pertencer à aventura humana” (1998: 188).

Para se intelegir uma concepção dinâmica da identidade será necessário percebê-la como dependente de mecanismos dialógicos e retroactivos, como viu Stuart Hall (2003: 1) que escolhe representar a integração da “identidade” no “circuito da cultura” através de um diagrama onde este termo se relaciona com a produção, o consumo, a regulação e a representação de modo relacional e interactivo, aproximando-se assim do chamado Pensamento Complexo.

Fernando Pessoa – tenaz buscador da inovadora modernidade – captou essa sedutora relação do diferente na famosa fórmula (et por cause) publicitária “Primeiro estranha-se, depois entranha-se”. Muitas vezes tem sido repetido e glosado este sincrético dito, mas só algu-

mas dessas glosas conseguem captar o sentido de mudança intrínseco e irreversível do encontro com a estranheza do “outro”, muitas vezes incompreendido por quem deveria estar dentro do processo: “É irremediável: se entranho um estranho, estranho fico. Mas se o estranho não se deixa entranhar, muito eu estranho. O que é incompreensível, porém, é que se mesmo assim persisto em entranhar o estranho, logo estranho de novo por não entranhar sem estranho o estranho¹⁷”.

Sabemos hoje que existem entendimentos variados sobre a noção de “identidade”, mostrando que não se trata de algo estático mas sim dinâmico. Stuart Hall alerta-nos para a ideia de “identidades descentradas”, Amin Maalouf fala de “identidades assassinas” e de “identidade compósita”, Manuel Castells estabelece a distinção e a tensão entre “identidade-resistência” e “identidade-projecto”,¹⁸ como esclarece João André. Fazendo o percurso desde a ideia de identidade “compósita” à ideia de “identidade-relação”, este estudioso chama a atenção para o facto de vários teóricos colocarem a questão de forma dicotómica ou tensional entre uma “identidade-resistência” e uma “identidade-projecto”, ou fazerem depender a ideia de identidade de diversas “flutuações” ou de diversos contextos ditos “situacionais” (André, 2006: 22). Na verdade, nem as noções nem as imagens da identidade ficaram imutáveis ao longo da História; elas modificaram-se, e mostrando a *identidade* como uma entidade dinâmica: “As identidades formam-se e transformam-se com o tempo.” (*idem*). Assim João André, seguindo Martine Abdallah-Preteceille, acaba por advogar uma concepção dialógica da identidade que implica conflitualidade, disfuncionamentos e desfasamentos em permanente reconfiguração (*idem*, 23-24).

17 Excerto de um dos pequenos e humorísticos textos intitulados “Insanidades” do blogue “Vida Insana” Cf. http://meuserevaporei.blogspot.com/2007_06_01_archive.html

18 Num estudo recente João André (2006: 19) percorre e analisa várias concepções de identidade, mostrando a sua pertinência e capacidade heurística.

Pressupõe-se, pois, uma noção dinâmica de *identidade*, onde áreas emergentes e áreas novas coabitam com as áreas enraizadas. É neste sentido que Leerssen afirma:

A identidade como conceito é muito mais complexa do que aparenta à primeira vista; ao ocultar a sua complexidade numa noção que parece auto-evidente e apriorística ela pode enganar facilmente. A identidade não pode nunca ser um factor explicativo da história humana ou das atitudes humanas, quando muito fornecerá a moldura para outras explicações (...). No sentido mais corrente, a identidade sustenta processos de (auto-)identificação, os quais são eles próprios sujeitos a factores e circunstâncias muito complexos e variáveis. A identidade não tem a ver com um dado lugar de si mesmo, mas sim com o seu próprio posicionamento, imposto ou escolhido. (Leerssen “Identidade, alteridade, hibridismo” (Leerssen & Beller, 2007: 340).

O curso das mudanças identitárias faz-se no confronto com o “outro”. Ora, mais uma vez se salienta a importância da literatura, pois a complexidade compositiva de muitos romances contemporâneos diz, expressa e plasma a conflitualidade, o diálogo de vozes e, mais intersticial ainda, o “hibridismo” das vozes, há décadas apontado por Bakhtine quando estuda os processos paródicos e os processos de refração discursiva.

C) CONTRIBUTOS DA PSICOLOGIA SOCIAL: ESTEREÓTIPOS E ESTEREOTIPIA

Da feição essencial da literatura comparada decorre a necessidade de fazer a exegese do relacional nas suas proximidades ou nos seus confrontos, nas imitações ou nos contrastes, nos seus seguidismos ou nas conflitualidades. Por isso mesmo, a análise crítica comparatística depressa se encontra com as noções do cliché, do típico e da estereotipia.

No caso do estudo dos estereótipos, o contributo da Psicologia Social é precioso e incontornável, hoje em dia.

Os estudos de Psicologia Social esclarecem como os estereótipos são construtos psicológicos gerados por crenças partilhadas:

... estereótipos são crenças normativas como outras crenças. São partilhadas por membros de grupos não só através da coincidência da experiência comum ou da existência de um conhecimento partilhado dentro da sociedade, mas também porque os membros dos grupos agem no sentido de coordenar os seus comportamentos, especialmente em situações de conflito entre grupos (McGarty et alii, 2002: 5).

Subjacente à noção de estereótipo encontra-se normalmente uma conotação negativa. Por isso, tendenciosamente, muitas vezes esquecemos algo que Craig McGarty nos recorda: o processo de estereotipização está estreitamente ligado à categorização, que é um mecanismo normal e frequente do conhecimento. Eis porque este autor afirma:

... o potencial explicativo das categorias é concretizado na forma de entendimentos relativamente duradouros das diferenças entre grupos sociais. Esses entendimentos, por seu turno, fornecem uma base para o desenvolvimento e a comunicação de percepções de forma que os estereótipos¹⁹ vêm a ser partilhados por outra gente. (...). Uma derradeira

19 Este autor propõe então uma definição de estereótipo: "Essentially a stereotype is a set of associations between people and features, and between features and features. (McGarty, 2002: 30)... the idea that the formation of long-term stereotypical knowledge must be distinguished from the formation of the current stereotypical depictions of impressions of social groups. This allowed me to propose a definition of stereotype as a set of constraints between knowledge about a group, the explicit use of labels about group members, and perceived

dificuldade advém do facto de estereotipar ser um processo particularmente útil quando aplicado a grupos sociais (McGarty, 2002: 16, 33).

Sabe-se que a tendência para categorizar é uma forma usual de arquivar informação na memória e este processo vale também para as imagens condensadas que criamos dos grupos sociais, sejam eles profissionais, locais, históricos, classes sociais ou outro tipo de grupos.

Por isso vários estudiosos estabelecem distinções na formação, na função e na caracterização dos estereótipos. Craig McGarty (2002: 20), por exemplo, na formação do estereótipo distingue, por um lado, a explanação (que tende a ser implícita e inclui detecção e co-variação) e, por outro lado, a justificação (que tende a estar disponível explicitamente). Por sua vez Henri Tajfel distingue três funções diferentes de estereotipização: a da causalidade social, a função justificativa e a função de diferenciação (*Apud*, Cinnirella, 1997: 41). Alguns destes estudos chamam a atenção para o facto de os estereótipos compreenderem componentes emocionais e componentes cognitivos.

Ao invés do que é comum pensar, os estereótipos desempenham uma função imprescindível no intercâmbio social: eles simplificam, permitem etiquetar depressa e, por isso mesmo, possibilitam reagir rapidamente²⁰. Cumprindo os estereótipos uma função pragmática nas relações sociais, é, no entanto, a complexidade destas últimas que

equivalence of members. Stereotype formation is therefore the process by which the constraints between these elements develop" (McGarty, 2002: 36)

20 Este aspecto aparece muito bem explorado no recente filme de Jason Reitman *Up in the Air* (na tradução portuguesa *Nas Nuvens*), onde o protagonista, cujo papel é desempenhado por George Clooney, ensina à aprendiz "desempregadora" como é possível desvencilhar-se mais depressa no aeroporto etiquetando as pessoas. Contrapondo-se à crítica feita pela inexperiente colega que o acusa de ser preconceituoso, o mais experiente responde: "I'm like my mother, I stereotype: it is faster!"

permite ir para além da ideia de invariância do estereótipo, como nos esclarece Marco Cinnirella:

O estereótipo pode ser encarado como um conjunto de crenças acerca de membros de uma categoria ou grupo social. Em particular, são sistemas de crença que associam atitudes, comportamento e características pessoais a membros de uma categoria social. (...)

... os estereótipos não são entidades estáticas, mas parecem estar sujeitos a uma variabilidade situacional em associação com uma maximização de distinção positiva entre grupos (...) Os estereótipos não mudam completamente em diferentes situações. As variações contextuais do conteúdo dos estereótipos podem ser consideradas como *variações num tema* uma vez que têm, no fundo, um conjunto de crenças que se mantêm estáveis em diferentes situações. (...)

Se os estereótipos suportados por um indivíduo forem associados com o grupo social a que ele (ela) é leal, é provável que as crenças em estereótipos sociais flutuem paralelamente às suas identidades sociais. (...) [O]s indivíduos podem suportar estereótipos díspares no mesmo grupo, em situações diferentes²¹, ou quando se salientam diferentes identidades sociais (Cinnirella, 1997: 37, 46, 48).

A par do uso positivo do estereótipo enquanto elemento congregador e distintivo de grupo, surge, todavia, a utilização desrespeitosa do estereótipo que visa a discriminação e a exclusão grupal. O que, segundo M. Bennett, leva a que se possa falar em *estereótipo positivo* e *estereótipo negativo*.

21 Outra estudiosa do conceito de estereótipo, Ruth Amossy, sintetiza o que considera ser as duas vertentes explicativas da formação do estereótipo: a perspectiva endossada pela teoria de tipo psicológico que enraiza o estereótipo nas relações interpessoais e aquela perspectiva que advoga que os estereótipos se formam nos confrontos sociais (1997: 39, 41).

5. O CONTRIBUTO DA LINGUÍSTICA DO TEXTO E DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

É neste quadro complexo onde o discurso veicula sentidos negativos que se torna por demais relevante uma abordagem como a que defende Teun Van Dijk, no âmbito da Análise Crítica do Discurso (Critical Discourse Analysis) – abordagem próxima de outros domínios de pesquisa, nomeadamente o da pragmática discursiva e o da linguística do texto. Teun Van Dijk sublinha o modo como as representações grupais dão forma às ideologias, uma vez que “os processos de identificação social acontecem, no fundo, no seio das representações sociais a que chamamos ideologias”, pelo que “a inspiração social para uma teoria da estrutura ideológica deve ser procurada nas propriedades básicas do próprio agrupar social” (Van Dijk, 2001: 14).

Assim, Teun Van Dijk salienta a importância da memória social (que integra ideologias, atitudes e conhecimento de grupo) e da *memória episódica* para a conformação do que designa por *modelo de contexto*. Relativamente ao contexto, o crítico defende “que os contextos não são constrangimentos ‘objectivos’ e ‘determinísticos’ da sociedade ou da cultura, mas sim interpretações, construções ou definições subjectivas participantes desses aspectos do meio ambiente social” (Van Dijk, 2006: 163).

Cruzando a informação dos psicólogos sociais com esta abordagem, pode perceber-se mais claramente como se formam e se processam os estereótipos e onde eles entram em jogo, pelo que se propõe o seguinte diagrama que permite visualizar o estreitamento da fixação redutora (no seu sentido negativo) e sintética (na sua função mais positiva) do estereótipo:



IMAGOLOGIA LITERÁRIA: TERRENO PRÓPRIO – OS IMAGOTIPOS
 É neste terreno interdisciplinar que a Imagologia literária deve lançar as suas raízes; mas ganhar-se-á em clareza quanto à percepção de como a Imagologia se deve ligar a este substrato se se aplicar o modelo epistemológico rizomático proposto por Deleuze²² (2006: 21). Com efeito, aproveitando a lição do filósofo é possível pensar a Imagologia como desenvolvendo o seu próprio caule alimentado pelos diversos contributos disciplinares e expandindo-se na exploração de diversas folhas temáticas, isotópicas e imagotípicas.

Claramente, na introdução à obra *Imagology*, M. Beller e J. Leerssen apontam o cerne da diferenciação entre Imagologia e Sociologia:

22 Cf. Deleuze, 2006: 21. Sendo esta obra originalmente de 1976, ela foi muito cedo difundida entre nós pela actualíssima e vanguardista reflexão teórica da obra *Universos da Crítica* de Eduardo Prado Coelho, publicada em 1987.

A imagologia não é uma forma de sociologia; o seu objectivo é a compreensão de um discurso e não a sociedade. As obras literárias demonstram sem ambiguidade que as caracterizações nacionais não passam de lugares comuns e boatos, e não observações empíricas e constatações de facto (Beller & Leerssen, 2007: xiii)²³.

Esta posição difere daquela expressa por Seraht Ulagli (2004: 228) quando defende que a “identidade” da Imagologia é a de ser “uma ciência que recobre a maior parte das ciências sociais, tais como a literatura, a sociologia, a psicologia e outras”. Por isso distingue como braços da Imagologia os seguintes: “Imagologia Geral”, “Imagologia Aplicada”, “Imagologia Comparada”, “Imagologia Comunicativa”, “Imagologia sincrónica/diacrónica”.

O ponto de vista que aqui se perfilha e advoga, porém, é claramente o de Beller e Leerssen, uma vez que todos os trabalhos que se apresentam nesta compilação visam o estudo do discurso literário e as suas representações.

Relativamente a estas preocupações de carácter social, e mesmo sociocultural, se, por um lado, não convém esquecer que a Literatura se apresenta como um campo invulgarmente fértil para o estudo de representações socioculturais, por outro lado, tal motivo não deve conduzir ao esquecimento da especificidade e da complexidade da representação literária; caso contrário corre-se o risco de a diluir numa complexa antropologia, como alerta Manfred S. Fischer (*apud* Leerssen and Beller, 2007: 9). Aliás, esta será uma das principais razões que levaram este autor a propor a designação *imagotipo* para

23 Imagology is not a form of sociology; it aims to understand a discourse rather than a society. Literary works unambiguously demonstrate that national characterizations are commonplace and hearsay rather than empirical observation or statements of fact (Beller & Leerssen, 2007: xiii).

o estudo da imagem literária, em vez de utilizar a designação *estereótipo*, trabalhada pelos sociólogos (*idem*).

A imagologia literária afirma-se já com uma longa história que remontará pelo menos ao século XIX. Sendo entendida como um subdomínio da Literatura Comparada, estuda as imagens e representações dos “outros” face a um colectivo “nós”, tendo em conta os seus caracteres multifacetados, as suas relações variadas e os seus múltiplos confrontos (sabendo que, subjacente a este enfrentamento está a acareação do “si” com o “outro”, também estudada quer pela Filosofia quer pela Psicologia).

A imagologia desenvolve conceitos próprios como o de *imagem*, *imagotipo*, *auto-imagotipo*, *hetero-imagotipo* e *imagotipia*, os quais entende serem mais precisos, para abarcar determinados significados, que palavras-conceitos como estereótipo, *cliché*, tipo ou outras designações. O termo imagotipo foi utilizado pela primeira vez por Oliver Brachfeld, em 1962²⁴, mas só ultimamente tem sido utilizado de forma mais aprofundada e consistente.

Também com o intuito de identificar alguma diferença entre imagotipo e estereótipo, num estudo recente, Alan Montandon afirma:

24 Segundo a informação de Hugo Dyserinck, esta será a primeira vez em que se contrapõe imagotipo a estereótipo, surgindo a proposta em (“Note sur l’imagologie ethnique”, in *Revue de Psychologie des Peuples*, Jg.17 (1962), p. 34; Apud, Dyserick. H. “Da Etnologia à Etno-imagologia” – uma tradução (permitida pelo autor) de Jael G. da Fonseca pesquisadora do grupo RELLIBRA – “Relações lingüísticas e literárias Brasil-Alemanha”. Revisão de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo (<http://www.rellibra.com.br/pdf/imalogia2/etnopsicologia.pdf>). O título do texto original é mais longo: “Da etnologia à etnoimagologia: Sobre o desenvolvimento e a finalidade de um núcleo de estudos do outrora programa dos Estudos Comparados de Aachen” (Von Ethnopsychologie zu Ethnoimagologie. Über Entwicklung und mögliche Endbestimmung eines Schwerpunkts des ehemaligen Aachener Komparatistikprogramms).

... o conceito de imagotipo tem a vantagem de não veicular o sentido pejorativo do preconceito e do estereótipo e de sublinhar o carácter colectivo de uma representação, que Michel Cadot pode qualificar de “agregados mitóides”²⁵, expressão interessante (...) para, conservando a dimensão imagem-miragem e os processos de abstracção generalizante, marcar o carácter heterogéneo de uma representação aglutinante, procedendo por acumulação e justaposição de traços que podem além disso ser contraditórios ou antagónicos” (Montandon, 2001: 267).

Sopesando as reflexões deste estudioso, se se tiver em conta o que anteriormente ficou dito sobre o estereótipo, rapidamente concluimos que o elemento diferenciador entre estereótipo e imagotipo não pode ser o seu sentido negativo ou positivo. Muito mais convincente e interessante no posicionamento deste crítico é a sua forma de sublinhar o carácter colectivo inerente às representações imagotípicas (que, deste modo, diferem de representações como a do “tipo” – enquanto súpula de características sintetizadas num ser). Este carácter colectivo²⁶ não exclui as obras em que um certo autor tece

25 Já em 1995, D.-H. Pageaux tinha salientado o interesse desta expressão na diferenciação entre estereótipo, imaginário e mito: “Bronislaw Baczko estuda “imagens-ideias” utópicas que são formas de um “imaginário colectivo” à semelhança dos mitos políticos do Estado-nação, progresso, Revolução... São modelos formadores que serão chamados “imaginários sociais” (...) Fazem lembrar os “agregados mitóides”, de Michel Cadot. (...) Interessam na medida em que são mais que estereótipos e porque não têm a estrutura, o esquema de sequência do mito, nem o seu cenário (termo utilizado por Lévi-Strauss) que coloca o mito ao lado do texto já existente, pronto a ser utilizado pelo imaginário do escritor”. (Pageaux, 1995: 91.) Michel Cadot (1981: 445) defende a utilidade da expressão “agregats mythoïdes”, ou do termo “mythomorphes”, face a esse outro termo “idéés reques”, argumentando que este não expressa nem a variância nem os matizes míticos dos primeiros, os quais por sua vez não têm a estrutura desenvolvida dos mitos.

26 O carácter colectivo está presente mesmo quando se trata do tipo de imagem criada por um autor – uma das três situações identificadas por Jean-Marc Moura (Moura, 1999: 184), tal como reitera Ana Paula Coutinho Mendes a propósito da representação do estrangeiro:

representações sobre um determinado povo (estrangeiro ou não²⁷), a partir da sua perspectiva específica.

Acresce dizer, então, que parece ser mais profícuo partir da diferença entre a complexidade do imagotipo e a linearidade do estereótipo, sabendo nós que esta linearidade decorre do carácter sintético que o estereótipo tem (ou almeja ter) em termos de funcionalidade social.

Esta hipótese de distinção tem um sentido teórico e um sentido funcional, mas é imperioso lembrar que ela enfrenta a limitação típica das distinções de carácter analítico: apenas é válida em certa medida, uma vez que é necessário ter em conta a sobreposição e interpenetração das fronteiras dos conceitos que expressam os fenómenos sociais também eles entrelaçados, imiscuídos e permeáveis. Isto porque, relativamente aos estereótipos, também os psicólogos sociais falam em estereótipos individuais e colectivos, implicando estes, segundo Marco Cinnirella (1997: 38), crenças partilhadas por um conjunto de pessoas. Resta saber se não seria útil à Psicologia Social considerar o conceito de imagotipo, partindo-se aqui do princípio que outras características aqui indicadas poderão estabelecer alguma diferenciação entre os conceitos em causa.

O imagotipo configura-se, então, como uma representação heterogénea e aglutinante, mas também complexa, dialógica e relacional – aquela que se pressupõe na expressão “uns e outros” (“les uns et les

“qualquer imagem estudada em imagologia é sempre: a) imagem de um referente estrangeiro; b) imagem proveniente de uma nação (sociedade ou cultura); e c) imagem criada pela sensibilidade particular de um autor” (*apud*, Mendes, 2000). Assim, por exemplo, a obra *Com os Holandeses*, de Rentes de Carvalho, desenvolve um hetero-imagotipo autoral, ao passo que essa sátira magistral que é *Fantasia para Dois Coronéis e Uma Piscina*, de Mário de Carvalho, claramente desenha um auto-imagotipo.

27 Este carácter colectivo não exclui a representação de um autor sobre um povo estrangeiro (caso, por exemplo, da obra *Com os Holandeses*, de Rentes de Carvalho).

autres”), por não existirem “uns” sem o olhar dos “outros” – apenas no olhar mútuo ela pode emergir. Será assim mais fácil entender a especificidade dos objectos e dos objectivos da Imagologia.

A Imagologia pretende estudar as conotações e os matizes das imagens, das auto-imagens e das hetero-imagens e as peculiaridades dos seus conflitos, embates, ambiguidades e desvios nelas plasmados. À Imagologia cabe estudar as “relações entre distintos sistemas culturais” e interpretar “as representações de alteridade, do “estranheiro”, do “outro” extramuros (...) ou que representa uma outra identidade” (Moll, 2002: 347). Portanto, abre-se aqui um espaço para o estudo do “estranho” intramuros, desde que sentido ou percebido como diferente.

Não se estranhe, pois, que a identidade, numa perspectiva imagológica, seja entendida como um conceito complexo, uma vez que implica um posicionamento na teia de interrelações dialógico-culturais. É neste sentido que, como já se referiu anteriormente, no capítulo intitulado “Identidade, alteridade, hibridismo”, Joep Leerssen afirma:

A identidade como conceito é muito mais complexo do que aparenta à primeira vista; ao ocultar a sua complexidade numa noção que parece auto-evidente e apriorística ela pode enganar facilmente. A identidade não pode nunca ser um factor explicativo da história humana ou das atitudes humanas, quando muito fornecerá a moldura para outras explicações (...). No sentido mais corrente, a identidade sustenta processos de (auto-) identificação, os quais são eles próprios sujeitos a factores e circunstâncias muito complexos e variáveis. A identidade não tem a ver com um dado lugar de si mesmo, mas sim com o seu próprio posicionamento, imposto ou escolhido (Beller & Leerssen, 2007: 340).

Neste texto, o autor também esclarece que, “na prática, tal como todos os construtos discursivos, as imagens são móveis e modificá-

veis, quer em valorização quer em substância. (...) com o passar do tempo, as imagens podem gerar o seu oposto, as contra-imagens (...) [ora,] estas contra-imagens sucessivas não se substituem, pelo contrário, acumulam-se. Assim, na maior parte dos casos, a imagem de uma determinada nação irá incluir uma estratificação composta de contra-imagens diferentes e contraditórias, com alguns aspectos activos e dominantes, mas com as restantes contrapartidas presentes latentemente, tacitamente ou subliminarmente. (...) O derradeiro cliché acerca de cada nação é ser “uma nação de contrastes”. Um *imagema* é o termo usado para descrever uma imagem com todas as suas polaridades implícitas e complexas” (Beller & Leerssen, 2007: 343-4).

Segundo Paolo Proietti, desenham-se nos estudos imagológicos, hoje, dois caminhos principais: um mais histórico-sociológico e outro mais poético²⁸. Será conveniente, no entanto, pensar em três vias: uma mais histórica, que tende a observar as imagens e contra-imagens em determinados períodos históricos, com o distanciamento que o tempo presente do crítico possibilita; outra que tende a perscrutar os laços sociais criados pelos diversos auto-imagotipos e

28 No texto intitulado “Imagologie et imaginaire: entre les intérêts historico-culturels et les questions de poétique”, Paolo Proietti resume deste modo a sua tese: “Aujourd’hui l’imagologie semble osciller entre deux pôles complémentaires que la critique, en substance, dans le passé ainsi que dans le présent tend à opposer. D’un côté, en effet, il y a une vaste production d’études centrées sur les images littéraires considérées dans leurs relations au moment historique et culturel qui les a engendrées, avec les nécessaires ouvertures à l’idéologie, aux formes de l’exotisme, aux questions sociales et culturelles qui constituent leur fond. (...) De l’autre côté on enregistre des études plus focalisées sur des images qui, intervenant au niveau des processus de création de l’œuvre artistique d’un écrivain, soulèvent des questions de poétique et indiquent un parcours pour l’interprétation de son imaginaire. C’est à partir de ses possibilités analytiques et herméneutiques que l’imagologie, aujourd’hui, se constitue comme l’un des domaines les plus féconds dans le cadre des études comparatistes et littéraires”.

hetero-imagotipos e uma terceira via mais preocupada com as formas e os procedimentos literários que veiculam essas imagens.

Embora seja possível, analiticamente, distinguir estes três tipos de abordagem, as fronteiras entre estas perspectivas são muito permeáveis. Esta permeabilidade é em si mesma algo positivo, mas torna extremamente difícil um trabalho que as envolva todas sem a intenção de privilegiar uma delas. A Imagologia é um domínio da Literatura Comparada aberto à interdisciplinaridade, não sendo por isso mesmo de admirar que a História seja uma disciplina de companhia indispensável para a primeira abordagem, a Sociologia e a Psicologia Social para a segunda, e a Poética e a Retórica para a terceira abordagem. Domínios tão diferentes como a Análise Crítica do Discurso, os estudos de Tradução e os estudos sobre categorização social são preciosos contributos para o estudo imagológico.

Sem criar barreiras relativamente a outras áreas e sem ignorar o grande desenvolvimento dos Estudos Sociológicos e da Psicologia Social hoje, a Imagologia Literária necessita agora de aprofundar a especificidade estético-literária da sua investigação hermenêutica, como tem salientado repetidamente Daniel-Henri Pageaux.

É premente, pois, o estudo das figurações imagológicas, o aprofundamento da tematologia imagológica, a análise dos procedimentos estéticos (categorias ou predicados literários accionados, configuração de personagens e escolha de esquemas narrativos) e a interpretação dos seus múltiplos matizes simbólicos.

5. FIGURAÇÕES E FIGURAS DA IMAGOLOGIA

Quem melhor que os artistas para procurar a diferença? Quem poderá sentir mais que os artistas essa sedução pelo estranho? Para muitos deles a arte não é uma entrega obsessiva à busca da originalidade? Tal como Eça de Queirós, quantos artistas não abominarão a ‘mesmice’?

Quer o gosto em conhecer o ‘estrangeiro’ e em lhe dar hospitalidade, quer a necessidade de se confrontar com o “outro” estão há muito representados nas epopeias mais antigas desde a de *Gilgamesh* à *Odisseia* através dos seus protagonistas viajantes.

Como esclarece Corinna Albrecht (2008: 326), há tanto tempo quanto os humanos vivem juntos em grupos, culturas ou sociedades, a diferenciação relativamente ao “outro” tem sido uma preocupação fundamental. Foi pela diferença relativa à sabedoria e face ao conhecimento dos gregos que os “outros” (povos diferentes), sentidos como ‘invasores’, foram apelidados de “bárbaros”, construindo uma figuração imagística poderosa que perdurará séculos e séculos, sendo ainda, de forma obsoleta, utilizada nos nossos dias.

Porém, as figurações das relações com o “outro” numa sociedade multicultural e global como é a nossa (ou não) são outras e mais complexas, porque implicam os princípios da complexidade²⁹.

Os hetero-imagotipos e os auto-imagotipos, sendo sociais, são culturais e encontram-se na literatura, nas letras das canções, nas representações artísticas, etc. Procurando a sua inserção num determinado grupo social, um indivíduo é chamado a partilhar os imagotipos do grupo e, a maior parte das vezes, porque o grupo visa a diferenciação, deste grupo emergem estereótipos sobre outros grupos, e também poderão emergir representações mais complexas: hetero-imagotipos contrastivos mas também contraditórios, compostos e relacionais. Será, pois, importante, na minha opinião, criar a designação de *imagotipo grupal* que terá como “agregados conceptuais” as formas de pensar de classe ou de grupo.

29 Entre os múltiplos pensadores que estudam a complexidade encontra-se Edgar Morin (1991: 291) que apontou três princípios fundamentais da complexidade: o da retroactividade, o dialógico e o hologramático.

Daniel-Henri Pageaux distinguiu três tipos de figurações fulcrais: “phobie”, “manie”, “philie”. São distinções axiais que dizem respeito ao carácter ou tipo de relação imagológica estabelecida. Para além destas principais, é possível, atendendo aos princípios de recursividade e reciprocidade dialógica, destringer outros tipos de relações com o “outro”, os quais emergem na narrativa configurando-se como expressões temáticas.

Pode pensar-se esta relação relativamente à distância criada onde se inserem os temas da *proximidade* e da *contiguidade* e/ou a *coalescência*, e os temas veiculadores da ideia de *afastamento*. A coalescência e a contiguidade da relação imagológica ressaltam em figurações como a *curiosidade*, a *cortesia*, a *coabitação* respeitosa ou, de sinal contrário, a *indiferença*, a *separação* e o *levantar de barreiras* e de *muros*.

Outro tipo de relação diz respeito à questão da *exclusão/integração*, onde cabem as figurações imagotípicas como a *alofilia*, o *hibridismo*, a *mestiçagem* e a *mistura* ou o *ostracismo*.

Também se devem distinguir as figurações que dizem respeito ao *grau de conflitualidade* da relação, que se plasmam, por exemplo, através de temas como *ódio*, *desprezo*, *ostracismo*, *racismo*, mas também à *contaminação* – a xenofobia, o fascínio, a atracção, o enamoramento, poder-se-ão encontrar.

Dever-se-iam considerar ainda as relações de integração ou exclusão onde se integram as figurações do exílio, do emigrante e do imigrante, do estranho – mais directamente relacionadas com a especificidade da pertença a um determinado imagotipo grupal ou nacional.

É possível cruzar estes critérios e encontrar uma representação gráfica desses cruzamentos:

Emotividade \ Tipo de relação	Relação de contiguidade	Relação de pertença ou subsunção
Alto grau de conflitualidade	Ódio, desprezo, fobia	Eugenia, xenofobia, racismo, exílio, ostracismo
Grau médio de conflitualidade	Menosprezo, receio, medo, estranheza	Afastamento, separação, rejeição do emigrante/imigrante
Grau zero de conflitualidade/ confraternização	Indiferença, coalescência	Coalescência
Grau médio de confraternização	Alofilia, cortesia, amizade, coabitação	Hibridismo, contaminação, aceitação do emigrante/imigrante
Alto grau de confraternização	Enamoramento, miragem “mania”/fascínio obsessivo enaltecimento	Mistura, mestiçagem, identificação

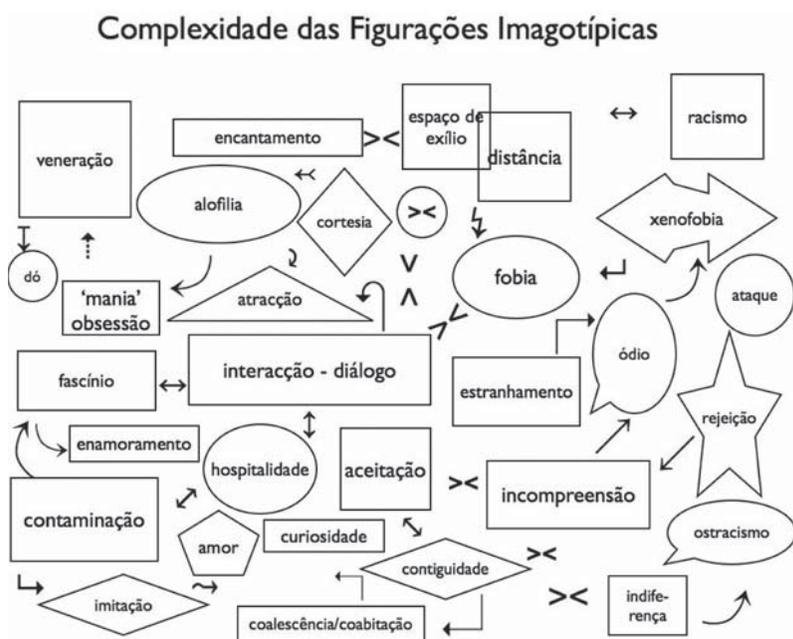
Porém, em meu entender, esta será sempre uma representação gráfica redutora (como acontece com muitos gráficos), pois não faz jus à complexidade das relações com o “outro”, uma vez que é sempre possível encontrar combinações com outros critérios. Apenas se sugerem aqui algumas combinações possíveis que ajudem a perceber a variedade das relações e a permeabilidade das situações elencadas.

A esta representação se deverá aduzir, por exemplo, a destriça da orientação ou sentido da relação imagológica, a qual diz respeito à perspectiva de onde se olha. Isto conduz-nos, por um lado, a figuras como a de *sobranceria*, de *menosprezo*; por outro lado, cria personagens-tipo como a do *oprimido* e do *silenciado*. É óbvio que esta

questão da orientação ou sentido da relação está directamente ligada com os problemas originados pelas relações de poder e de controle.

Deste modo, não se entendem estas distinções como elementos estanques – muito pelo contrário, elas só funcionam como um ponto de partida de análise. Na verdade, a literatura ama a subversão e trabalha afincadamente os meandros, dobras e matizes dos relacionamentos interpessoais expostos no discurso, dando assim conta da sua complexidade.

Uma aproximação visual a esta complexidade poderá, quando muito, ser representada por um diagrama que indique os mecanismos relacionais e retroactivos, como acontece no seguinte diagrama:



Joep Leerssen afirma que “a tarefa dos investigadores é compreender e explicar a complexidade do mundo e não simplificá-la ou removê-la”.

A Imagologia pretende estudar as imagens na sua complexidade e a Imagologia Literária só o conseguirá fazer, em meu entender, se, no seu estudo, não apagar a “partilha do sensível”³⁰ que a Literatura sempre será.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, João Maria (2005). *Diálogo Intercultural, utopia e mestiçagens em tempos de globalização*, Coimbra, Ariadne.
- ARENDT, Hannah (2000). *A Vida do Espírito. Querer*, Vol. II, Lisboa, Instituto Piaget (ed. orig. 1978).
- BAKHTINE, Mikhaïl (N. V. Volochinov) (1929). *Le Marxisme et la Philosophie du Langage. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*, Paris, Ed. Minuit, 1977.
- BAKHTINE, Mikhaïl (1975). *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, Ed. Gallimard, 1978.
- BAPTISTA, Maria Manuel (coord.) (2004). *Cartografia Imaginária de Eduardo Lourenço. Dos críticos*, Maia, Ver o Verso Edições, Lda.
- BAPTISTA, Maria Manuel (2003). «Estereotipia e Representação Social – uma abordagem psico-sociológica», in BARKER, A. (ed.), *O Poder e a Persistência dos Estereótipos*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 103-116.
- BAPTISTA, Maria Manuel (2006). *Identidade – Ficções*, Aveiro, Centro de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro.

30 Como se depreende da citação feita logo no início, o título da obra *A Partilha do Sensível* de J. Rancière (2000), mais do que uma designação significa todo um entendimento da expressão artística em geral.

- BAPTISTA, Maria Manuel (2001). “A Utopia Europa em Eduardo Lourenço”, in *A Europa: Realidade e Fantasia*, Universidade de Aveiro.
- BELLER, Manfred; Leersson, Joep (2007). *Imagology. The Cultural Construction and Literary representation of National Characters*. STUDIA IMAGOLOGICA. 13, Amsterdam/New York: Rodopi.
- BENNETT, Milton (1998). “Intercultural communication: A current perspective”, in Milton J. BENNETT (Ed.), *Basic concepts of intercultural communication: Selected readings*. Yarmouth, ME: Intercultural Press. http://www.mairstudents.info/intercultural_communication.pdf
- BRACHFELD, Oliver (1962). “Note sur l’imagologie ethnique”, in *Révue de Psychologies des Peuples*, Jg.17 (1962), pp. 34-45.
- CADOT, Michel (1981). “Allocution de clôture”, in *Mythes, images, représentations*, Jg.17 Actes du XIV Congrès de la SFLGC, Lomoges, 1977, pp. 443-447.
- CINNIRELLA, Marco (1997). “Ethnic and National Stereotypes: A Social Identity Perspective”, in BARFOOT, C.C.; (ed) *Beyond Pug’s Tour: National and Ethnic Stereotyping in Theory and Literary Practice*, Amsterdam: Rodopi.
- COELHO, Eduardo Prado (1987). *Universos da Crítica*. Lisboa, Edições 70.
- COUTINHO, Ana Paula (2000). “Representação do Outro e Identidade. Um estudo de Imagens na Narrativa de Viagens. II – Imagologia literária: contornos históricos e princípios metodológicos”, *Cadernos de Literatura Comparada*, 1, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Granito Editores e Livreiros, pp. 93-100.
- DERRIDA, Jacques (1997). *Adieu à Emmanuel Levinas*. Paris, Éditions Galilée. (Trad. *Adeus a Emmanuel Levinas* S. Paulo, Perspectiva, 2004).
- DELEUZE, Gilles (1977). *Dialogues avec Claire Parnet*, Paris, Flammarion.
- DELEUZE, Gilles (1993). *Critique et Clinique*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix (1976). *Rizoma*. Lisboa Assírio & Alvim, 2006.

- DYSERINCK, Hugo (1997). “La Dimension Imagologique du Comparatisme Littéraire. Ses Origines Franco-Allemandes et son Actualité Intercontinentale”, in *II Jornadas Nacionales de Literatura Comparada*, 21 al 23 de Abril 1994, Mendoza (Argentina), Centro de Literatura Comparada, Universidad Nacional de Cuyo, 1, pp. 83-106.
- DYSERINCK, Hugo (2002). “Da etnologia à etnoimagologia: Sobre o desenvolvimento e a finalidade de um núcleo de estudos do outrora programa dos Estudos Comparados de Aachen”, Von Ethnopsychologie zu Ethnoimagologie. Über Entwicklung und mögliche Endbestimmung eines Schwerpunkts des ehemaligen Aachener Komparatistikprogramms. In: Pál, József & Szili, József – *Neohelicon*. Acta Comparationis Litterarum Universarum. Budapest/London, Akadémiai Kiadó/ Kluwer Academic Publishers, S. 57-74. Tradução (permitida pelo autor) de Jael Glauce da Fonseca. Revisão de Celeste H.M.Ribeiro de Sousa, coordenadora do grupo. Dyserick. H. “da Etnologia à Etnoimagologia” (2007) <http://www.rellibra.com.br/pdf/imalogia2/etnopsicologia.pdf>).
- FOUCAULT, Michel (1986). *La Pensée du Dehors*, Paris, Fata Morgana; trad. port. *O Pensamento do Exterior*, Lisboa, Fim de Século, 2001.
- HALL, Stuart (1997). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora (texto original: 1992).
- HALL, Stuart (ed.) (2003). *Representation*, London/Thousand Oaks/New Delhi, Sage Publications – Open University (1ª ed. 1997).
- ÍSLEIFSSON, Sumarlioi (2007). “On Images”, in *INOR. Iceland and Images of the North*, Reykjavík, l. 21, n° 2, 2000, pp. 267-292 http://www.inor.is/index.php?m=N&id=M_SUMARLGR1&type=&author=&category=&cid=SUMARGR4.
- LEERSSEN, Joep (2000). “The Rhetoric of National Character: A Programmatic Survey”, in *Poetics Today*, Vol. 21, n° 2, 2000, pp. 267-292.
- LEERSSEN, Joep (2006). “History and Method of Imagology in Literary Studies”, in BELLER, Manfred; LEERSSON, Joep (2007) *Imagology. The Cultural Construction and Literary Representation of National Characters*.

- STUDIA IMAGOLOGICA. 13, Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.
- LEVINAS, Emmanuel (1971). *Totalité et Infini. Essai sur l'extériorité*, Paris, Kluwer Academic, 1994. (Trad. port. José Pinto Ribeiro. *Totalidade e Infinito*, Lisboa, Edições 70, 1988).
- LEVINAS, Emmanuel (1995). *Altérité et Transcendance*, Paris, Fata Morgana.
- LOPES, Silvina Rodrigues (2003). «A literatura como experiência», in *Literatura, defesa do atrito*, Lisboa, Vendaval.
- MACHADO, Álvaro M.; PAGEAUX, D.-H. (1981) *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, Lisboa Ed. 70.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri (1988). *Da literatura comparada à teoria da literatura*, Lisboa Ed. 70.
- MAALOUF, Amim (1998). *Identités Meurtrières*, Paris, Grasset.
- MCGARTY, Craig (2002). “Stereotype formation as category formation”, in McGarty, C.; Yserbyt, V.; Spears, R. *Stereotypes as Explanation: The Formation of Meaningful Beliefs about Social Groups*, (Cambridge, Cambridge University Press, pp. 16-33.
- MENDES, Ana Paula Coutinho (2000). “Representação do Outro e Identidade. Um Estudo de Imagens na Narrativa de Viagens – II Imagologia literária: contornos históricos e princípios metodológicos”, 1, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Granito Editores e Livreiros, pp. 93-100 <http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/45e6bd57d5abe.pdf>.
- MARTINS, Otilia Pires (2004). “Espelhos quebrados – representação do colonizado em *O Esplendor de Portugal* de António Lobo Antunes” in *O Poder e a Persistência dos Estereótipos*, Aveiro, Universidade de Aveiro.
- MOLL, Nora (1999). “Las Imágenes del ‘otro’. La Literatura Comparada y los estudios interculturales”, in GNISCI, Armando (org.) *Introducción a la Literatura Comparada*, Madrid, Crítica, 2002, pp. 347-389.
- MACHADO, A. M. e PAGEAUX, D.-H. (2001). “Da imagem ao Imaginário”, in *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Presença.

- MCGARTY, Craig (2002). “Stereotype formation as category formation”, in MCGARTY, C.; YSERBYT, V.; SPEARS, R. *Stereotypes as Explanation. The Formation of Meaningful Beliefs about Social Groups*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-15.
- MCGARTY, Craig et alii (2002). “Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation”, in MCGARTY, C.; YSERBYT, V.; SPEARS, R. *Stereotypes as Explanation. The Formation of Meaningful Beliefs about Social Groups*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 1-15.
- MOLL, Nora (2002). “Imágenes del “otro”. La literatura y los estudios interculturales”, in GNISCI, Armando (org.) *Introducción a la Literatura Comparada*, Barcelona, Editorial Crítica, S. L., pp. 347-386.
- MARTINS, Otilia Pires (2004). “Preâmbulo. A Alteridade: Conceito e Representações”, in *Portugal e o Outro: Textos de hermenêutica Intercultural*, Aveiro Centro de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro, pp. 7-13.
- MONTADON, Alain (2001). “Les caractères nationaux dans la littérature française: problèmes de méthode” (LIII Congrès 2001), in *Cahiers de l’Association internationale des études françaises*, 2002, N.º 54. pp. 251-269 (<http://www.persee.fr>).
- MORIN, Edgar (1991). “De la complexité: complexus”. *Les Théories de la Complexité. Autour de l’Œuvre d’Henri Atlan (Colloque de Cerisy)*. Ed. Françoise SOULIÉ. Paris: Seuil, pp. 283-296.
- MOURA, Jean-Marc (1999). “L’Imagologie Littéraire: tendances actuelles”, in BESSIÈRE, J.; PAGEAUX, D.-H. *Perspectives comparatistes*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 1999, pp. 181-192.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1971). *Images du Portugal dans les lettres françaises [Texte imprimé] : 1700-1755 / Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português*, 1971.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1981). «Une perspective d’études en littérature comparée: l’imagerie culturelle», *Synthesis*, 8: 169-85.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1983). «L’imagerie culturelle: de la littérature comparée à l’anthropologie culturelle», *Synthesis*, 10: 79-88.

- PAGEAUX, Daniel-Henri (1988). «Image/imaginaire», in *Europa und das nationale Selbstverständnis. Imagologische probleme in Literatur, Kunst und Kultur des 19. Und 20. Jahrhunderts.*, ed. H. Dyserinck & K.U. Syndram (Bonn: Bouvier), pp. 367-80.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1989). “De l’imagerie culturelle à l’imaginaire”, en P. Brunel e Y. Chevrel (eds.). *Précis de littérature comparée*, Paris, Puf, pp. 133-161.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1992). «De l’imagologie à la théorie en Littérature Comparée. Eléments de réflexion», in *Europa provincia mundi. Essays in Comparative Literature and European Studies offered to Hugo Dyserinck on the occasion of his sixty- fifth birthday*, ed. J.T. Leerssen & K.U. Syndram, Amsterdam, Rodopi, pp. 297-308.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1995). “Littérature générale et comparée et imaginaire”, in *1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, vol. IX, pp. 81-95.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1992). «De l’imagologie à la théorie en Littérature Comparée. Eléments de réflexion», in *Europa provincia mundi. Essays in Comparative Literature and European Studies offered to Hugo Dyserinck on the occasion of his sixty- fifth birthday*, ed. J.T. Leerssen & K.U. Syndram, Amsterdam, Rodopi, 297-308.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1992). «De l’imagologie à la théorie en Littérature Comparée. Eléments de réflexion», in *Europa provincia mundi. Essays in Comparative Literature and European Studies offered to Hugo Dyserinck on the occasion of his sixty- fifth birthday*, ed. J.T. Leerssen & K.U. Syndram (Amsterdam: Rodopi), 297-308.
- PLOUS, Scott (2003). “The Psychology of Prejudice: An Overview”, in PLOUS, Scott (ed.) (2003) *Understanding Prejudice and Discrimination*, New York, McGraw-Hill, pp. 3-48.
- PROIETTI, Paolo (2009). “Imagologie et imaginaire: entre les intérêts historico-culturels et les questions de poétique” comunicação apresentada

- no Congresso *Imagology Today. Achievements, Challenges, Perspectives*, Universidade de Zagreb, 2-4 Setembro.
- RANCIÈRE, Jacques (2000). *Le Partage du Sensible. Esthétique et Politique*, Paris, La Fabrique Edition.
- RODRÍGUEZ GARCÍA, José Luís (2006). *Crítica de la Razón Postmoderna*, Madrid, Editorial Biblioteca nueva, S. L..
- ROSAVALLON, Pierre (2000). “Les Figures de la Représentation”, in FUMAROLI, Marc et alii – *Identité Littéraire de L’Europe*, Paris PUF, 2000, pp. 27- 34.
- SÁNCHEZ ROMERO, Manuel (2005). “La investigación imagológica contemporánea y su aplicación en el análisis de obras literarias”, *Revista de Filología Alemana*, 28, pp. 9-28 (Universidad de Sevilla), <http://revistas.ucm.es/fl/11330406/articulos/RFAL0505110009A.PDF>
- SIMÕES, Maria João (2009). “Imagology and relational complexity: the groups stereotype”, in COUTINHO, E. F. (ed.) *Beyond Binarisms. Discontinuities and Displacements. Studies in Comparative Literature*, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, pp. 81-90.
- SOUSA, Celeste Ribeiro de (2004). *Do Cá e do Lá. Introdução à Imagologia*, S. Paulo, Humanitas.
- STOTT, C. e DRURY, J. (2004). “The importance of social structure and social interaction in stereotype consensus and content: Is the whole greater than the sum of its parts?”, in *European Journal of Social Psychology*, 34, pp. 11-23.
- Van DIJK, Teun (1997). *Discourse Studies. A multidisciplinary introduction*. 2 vols. Vol. I – *Discourse As Structure an Process*. London: Sage (Spanish translation, *Estudios del discurso*. Barcelona/Buenos Aires, Gedisa, 1999-2000.
- Van DIJK, Teun (2001). “Discourse, ideology and context”, in *Folia Linguistica*, XXX/1-2, pp. 11-40.
- Van DIJK, Teun (2006). “Discourse, context and cognition”, in *Discourse Studies*, Vol. 8, (1): pp. 159-177.